



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

C.

Livro-objeto bilíngue: resgate da memória da Ditadura Militar Brasileira

Pedro Paulo Teixeira Ávila

11.0019016

Brasília, novembro de 2015



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

C.

Livro-objeto bilíngue: resgate da memória da Ditadura Militar Brasileira

Pedro Paulo Teixeira Ávila
11.0019016

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, sob a orientação da Professora Celia Matsunaga.

Brasília, novembro de 2015

C.

Livro-objeto bilíngue: resgate da memória da Ditadura Militar Brasileira

Pedro Paulo Teixeira Ávila

11.0019016

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, sob a orientação da Professora Celia Matsunaga.

Brasília, novembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Professora Célia Matsunaga
Orientadora

Professora Regina Dalcastagnè
Examinadora

Professor Wagner Rizzo
Examinador

Professor Fernando Paulino
Examinador Suplente

“Me guie nos meus sonhos em meio a diferentes tempo e espaço.
Para compartilhar esperança com as nações e com aqueles que creem.
Para observar com modéstia a verdade pura.
E revelar prudentemente a magia e o mistério.”

Varda Carmeli, 2004

Pintura sobre o muro de Berlim

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais, que me deram suporte a todo momento.

À minha irmã Bruna, que sempre foi um exemplo para mim.

A Mayara, minha prima, pela felicidade em me ajudar com os trabalhos manuais.

Aos meus amigos, em especial Marcela, Raquel, Otávio, Grasielle, Flávio, Enoe e Camila Menezes. Aos meus colegas de trabalho e amigos Bárbara e Felipe.

A Alander, por ter me ouvido nas horas difíceis e por ter me apoiado sempre.

A Bia, quem admiro enormemente, por ser minha companheira de todas as horas e por conseguir entregar soluções simples para problemas aparentemente complicados. Você é demais.

A Luiz, pela ideia do fundo falso.

A Mazinho, pela paciência em me ajudar a encadernar e costurar os livros.

Agradeço a Natinho, serigrafista, por ter disposto seu tempo para conversar comigo sobre o projeto e me propor soluções.

Agradeço a Bernardo Kucinski, por ter escrito *K – Relato de uma Busca* e *Você Vai Voltar Pra Mim e outros contos*. Agradeço também a todos os autores das obras que li, e que me auxiliaram nesse instigante processo.

A Darcílio Lima, por ter me apresentado a história de Cascavel – CE.

Aos meus professores de alemão Constanze, Teresa, Tabea, Matthias e Angelika, pela vontade e animação em me ensinar este idioma tão difícil. Muito obrigado!

A Berlin, por ter me entregado tantos momentos inesquecíveis, que contribuíram para a formação deste trabalho.

A Thomas e Selina, meus amados amigos alemães. E ao casal Burghardt, por ter corrigido as traduções com tanto carinho e minuciosidade.

À música Techno, que embalou as horas de indecisão e as horas de satisfação deste percurso.

A todos os professores da Faculdade de Comunicação, que contribuíram para a minha formação.

A Regina, pelo entusiasmo nas aulas, por ser extremamente competente e por ter me apresentado livros inesquecíveis e base teórica para a formação do livro-objeto.

A Wagner, por ter nos ensinado o valor de trabalhos feitos à mão.

A Celia, minha orientadora, por ser exemplo de didática e fonte de inspiração e por ter me instigado desde o início a dar um salto maior. Nós ainda somos apenas seres humanos.

Aqueles que decidiram não se esquecer.

RESUMO

Este memorial foi elaborado com o propósito de relatar, documentar e embasar o processo de criação do livro-objeto bilíngue *C*. O projeto surgiu da vontade de expressar a importância de promover a cultura da lembrança no Brasil — *Erinnerungskultur*. Unindo a experiência pessoal com a necessidade de se manter viva a memória histórica do Brasil, o livro-objeto foi construído a partir de contos de ficção sobre a Ditadura Militar Brasileira, escritos por Bernardo Kucinski e presentes na obra *Você Vai Voltar pra Mim e outros contos*. Os contos foram traduzidos para o alemão e concretizados num objeto de comunicação de experiência bilíngue, cujo projeto gráfico permite uma leitura poética e intensa. A literatura como restauradora da história é uma característica determinante deste trabalho.

Palavras-chave: cultura da lembrança, memória, Ditadura Militar Brasileira, literatura brasileira, livro-objeto bilíngue, português, alemão.

ABSTRACT

This memorial has been drafted with the purpose of registering and supporting the process of creating the object book *C*. This project came from the will to express the importance of promoting the culture of remembering in Brazil – *Erinnerungskultur*. Uniting the personal experience with the necessity of keeping the historic memory of Brazil alive the object book was constructed with fiction short stories about the brazilian military dictatorship from the work *Você Vai Voltar pra Mim e outros contos* – You Will Come Back to Me and other short stories, written by Bernardo Kucinski. The stories were translated to German and materialized in a biligual communication object, whose graphic project allows a poetic and intense reading. The literature as a history restorer is a determining factor of this work.

Key words: culture of remembering, memory, brazilian military dictatorship, brazilian literature, bilingual object book, Portuguese, German.

SUMÁRIO

1. Introdução	09
2. Justificativa	10
3. Objetivo geral	11
3.1 Objetivos Específicos	11
4. Metodologia	12
5. Desenvolvimento	14
5.1 – A Cápsula onde o tempo não passa: a literatura e a memória	14
5.1.1 – Naqueles tempos: os contos de <i>Você Vai Voltar Pra Mim</i>	18
5.2 – A tradução do texto e do pensamento	23
5.3 – A Torre e a Cascavel: o projeto gráfico de C.	25
5.3.1 – Referências, rascunhos e prototipagens	25
5.3.2 – O Formato	30
5.3.3 – Os papéis	30
5.3.4 – A fonte tipográfica	31
5.3.5 – A Cor	32
5.3.6 – As fotografias	33
5.3.7 – As intervenções	36
5.3.8 – Os pôsteres e a visualização de dados	38
5.3.9 – O depoimento	41
5.3.10 – A caixa	41
5.4 – A Organização	45
5.5 – A impressão	46
6. Considerações finais	47
7. Referências Bibliográficas	48
8. Anexos	50
8.1 - Orçamento	50

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma confluência de estudos, que, a princípio, não possuem relação clara e estabelecida uns com os outros, mas que, no decorrer do tempo, se mostraram, em conjunto, como fortes fontes de inspiração e mudança, tanto pessoal quanto social.

O primeiro passo dado para a construção do objeto deu-se ao ler o livro *K. - Relato de uma Busca* de Bernardo Kucinski, durante o cursar da disciplina *Literatura Brasileira Contemporânea*, ministrada pela professora Regina Dalcastagnè e ofertada pela Universidade de Brasília. Todas as obras estudadas na disciplina possuem uma explícita preocupação social. Com *K.* não é diferente. O livro, narrado em primeira pessoa, conta a história de um pai à procura angustiante de sua filha, desaparecida durante o período da Ditadura Militar Brasileira. Um fato real revisitado pela ficção. É fascinante a capacidade da literatura de nos recontar a história e de entregar à nossa memória acontecimentos que nem os professores, nem os livros de história e muito menos os meios de comunicação de massa nos souberam contar.

A experiência pessoal foi outro passo dado. Ela agiu como estopim de uma série de conexões e reflexões que deram início à conceitualização do trabalho. Após morar em Berlim, na Alemanha, por 6 meses, estudando alemão, pude perceber como a população do país é ensinada a pensar sobre o passado e a lembrar-se constantemente dele, o que é chamado de *Erinnerungskultur* — cultura da lembrança. Tanto professores, quanto a mídia, quanto os produtos artísticos tentam instigar persistentemente o não-esquecimento do passado histórico. Até mesmo a língua alemã possui especificidades que mostram a importância da lembrança.

Assim, o terceiro passo foi dado, a leitura de *Você Vai Voltar Pra Mim e outros contos*, também de autoria de Kucinski, livro-irmão de *K.*. Esta obra possui 28 contos, também sobre a Ditadura. Destes, 5 foram selecionados e traduzidos para o alemão, que, logo, foram inseridos no livro-objeto bilíngue *C.*, com uma proposta de experiência diferenciada através do projeto gráfico, o concreto final, mas ainda corrente, de (quase) todas as inquietações aqui presentes.

2. JUSTIFICATIVA

Outro trabalho de conclusão de curso não poderia ter sido feito. As indagações e inquietações surgidas durante o curso de Comunicação e o curso de alemão na Alemanha me guiaram para este caminho.

C. foi feito como objeto a ser revisitado sempre que a memória estiver falhando, não só a memória da Ditadura Militar Brasileira, mas também a memória dos eventos municipais, nacionais, mundiais e (por que não) pessoais.

É claro que o Holocausto representa um período muito negro, não só de um país, mas de todo o mundo. O meu trabalho, entretanto, não se fixa em relatar o número de desaparecidos e/ou assassinados, mas, sim, no horror vivenciado sob o controle de um governo autoritário e violento, e, ainda, na atual falta de atenção da população brasileira em perceber que é importante se lembrar do passado histórico do país, como uma forma de engajamento político e catálise de transformações sociais.

A forma do trabalho foi pensada pela afinidade com os conteúdos estudados durante o curso de Comunicação Social na Universidade de Brasília, especialmente nas disciplinas: Direção de Arte em Artes Gráficas, com Wagner Rizzo; Planejamento Gráfico, com Celia Matsunaga; Fundamentos da Comunicação Visual, com Isabela Lara; Estética da Comunicação, com Gustavo de Castro; Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, com Pedro Russi; Análise Gráfica 1, com Nanche Las-Casas; Literatura Brasileira Contemporânea, com Regina Dalcastagnè; Alemão 1, com Constanze Fröhlich; Alemão 2, com Teresa Cavalcante.

3. OBJETIVO GERAL

- Permitir a releitura da Ditadura Militar Brasileira de uma forma sensível e conceitualizada, por meio de um objeto de comunicação.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Produzir um objeto que une a experiência pessoal e a força da literatura como restauradora da memória.
- Utilizar contos, depoimentos e recursos gráficos para transmitir a mensagem de forma poética e incomum.
- Promover a reflexão sobre a importância de aprendermos a preservar a nossa memória histórica.

4. METODOLOGIA

Fase 1 – Leitura e seleção dos contos; análise de textos sobre a ditadura e a literatura brasileira.

Os contos foram extraídos do livro *Você Vai Voltar Pra Mim e outros contos*, de Bernardo Kucinski. Para selecionar os cinco contos que compõem C., foram levados em conta os fatores: tamanho do texto, tema, linguagem e facilidade de compreensão. Além disso, diversos materiais foram estudados para embasar o projeto, como os livros *1968 - O Ano que não Terminou*, de Zuenir Ventura, *Brasil: Nunca Mais*, de Paulo Evaristo Arns e *O Espaço da Dor*, de Regina Dalcastagnè. O documento mais importante deste trabalho foi, entretanto, a publicação semestral *estudos de literatura brasileira contemporânea* de número 43, com o tema “literatura e ditadura”, publicada pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, da Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, no primeiro semestre do ano de 2014.

Fase 2 – Tradução

A segunda fase do projeto foi dedicada à tradução dos contos. Foi durante o longo processo de tradução do português para o alemão, que os textos lidos na primeira fase amadureceram e se relacionaram com as propostas gráficas que se pretendia alcançar. Para a tradução, o material de apoio mais importante utilizado foi o livro *Gramática Alemã*, de Herbert Andreas Welker, publicado pela Editora UnB.

Fase 3 – Rascunhos e prototipagem

Com os contos definidos e traduzidos, o formato do projeto teve de ser decidido. Muitos rascunhos foram feitos, assim como testes e prototipagens, do livro em si, dos pôsteres e da caixa. A ideia inicial, que era a de produzir pôsteres-revista dobráveis, acabou sendo substituída pelo livro-objeto, que, para a proposta, se mostrou mais completo e com maior número de possibilidades gráficas.

Fase 4 – Projeto gráfico, testes de impressão e revisão de texto

Após decidido o formato, o produto foi se concretizando. Foram estudados livros de produção gráfica, entre eles *A Forma do Livro*, de Jan Tschichold, *Grid Systems*, de Josef Müller-Brockmann e *A Página Violada*, de Paulo Silveira. Essas obras se mostraram grandes fontes de aprendizado e ajudaram a agilizar o processo de confecção de C.

Nesta fase, o texto traduzido foi revisado com a ajuda de dois amigos alemães, Thomas e Selina, e o casal de professores Burghardt.

Fase 5 – Impressão e Acabamento

Aqui, o produto final foi impresso em gráfica e, então, encadernado com a ajuda de Mazinho, nas Maquetes da Universidade de Brasília, sendo, após isso, colocado na caixa, o suporte do livro, para ser, logo, entregue e experienciado.

5. DESENVOLVIMENTO

5.1 – A Cápsula onde o tempo não passa: a literatura e a memória

Tudo neste livro é ficção, mas quase tudo aconteceu.

B. Kucinski¹

Ter de falar por que um governo ditatorial é terrível não deveria ser uma atividade que ainda precisasse ser realizada. Infelizmente, a memória do Brasil é curta. E, embora possamos divagar sobre os diversos “deverias” da história do nosso país, a proposta deste trabalho não é pensar o inexistente. É, de fato, refletir sobre o que nós podemos fazer. A troca do verbo *dever* pelo verbo *poder* exerce uma força impressionante sobre as coisas. Com este pensamento, foi nascendo C.

O desejo inicial era bem mais ingênuo: a simples criação de um objeto de comunicação bilíngue contendo histórias de tema geral, pois sempre me interessei muito por literatura, língua portuguesa e língua alemã. Contudo, após vivenciar, na Alemanha, as diversas formas que o país utiliza para manter viva a memória para todas as gerações de nativos e estrangeiros, pensei: o que eu posso fazer? quais são as habilidades e referências que possuo para tornar esse objeto socialmente relevante? qual seria a verdadeira importância desse objeto?



Figura 1 - Stolpernsteine, Lottumstraße, Berlim. Por: Pedro Paulo Teixeira. Tirada em: 24/06/2015.

¹ Epígrafe in: KUCINSKI, Bernardo. K – Relato de uma Busca. São Paulo-SP: Cosac Naify, 2004.

Na Alemanha, talvez os objetos de manutenção da memória mais representativos fora dos museus sejam as *Stolpernsteine*² — pedras do tropeço, criadas pelo artista Gunter Demnig, nascido em 1947 em Berlim. Estas pedras douradas estão presentes em diversas cidades, como Berlim, Hamburgo e Lübeck. Nelas estão gravados os nomes das vítimas do Nacional Socialismo, como judeus, homossexuais e testemunhas de jeová. Também estão inscritos o local para onde a pessoa foi deportada e onde foi assassinada, com as respectivas datas. Elas estão localizadas exatamente na frente do último endereço dessas pessoas. É realmente aterrorizante ver estas pedras brilhantes espalhadas por toda a cidade, o que nos força a lembrar o tempo todo da trágica história acontecida no país.



Figura 2 - Stolpernstein, Lübeck. Por: Pedro Paulo Teixeira. Tirada em 07/03/2015.

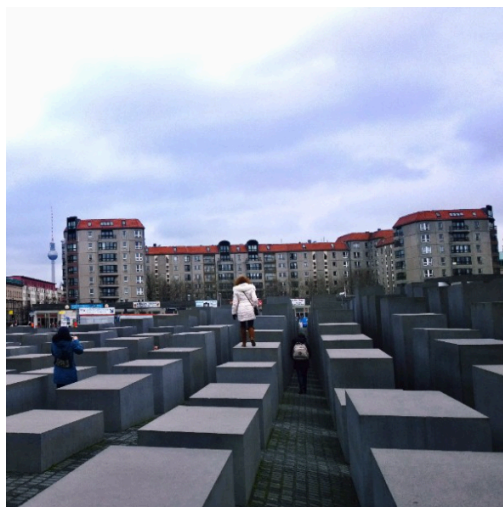


Figura 3 - Memorial dos Judeus Mortos na Europa, Berlim. Por: Pedro Paulo Teixeira. Tirada em 02/02/2015.

² Disponível em: <<http://www.stolpersteine.eu/en/>> Acesso em 08/11/2015.



Figura 4 - Kaiser Wilhelm Gedächtniskirche, Berlim. Tirada em: 28/01/2015.



Figura 5 - Monumentos aos homossexuais perseguidos no Holocausto, Berlim. Tirada em: 27/06/2015.

Juntamente com as Stolpersteine, outros muitos objetos compõem o cenário de resgate incessante da memória. O Memorial dos Judeus Mortos na Europa é a representação de um cemitério em blocos de concreto que causa arrepios a todos que por ali passam. A sensação é de voltar no tempo e sentir o medo provocado quando Hitler estava no poder. O Monumento aos homossexuais perseguidos no Holocausto, por sua vez, é uma pedra cinza bem grande com um buraco quadrado no centro. Através deste, é possível assistir a um curta

de aproximadamente 2 minutos, no qual a homossexualidade é o tema, tratada com sensibilidade e emoção. A cada dois anos, o curta é trocado. A *Gedächtniskirche* – igreja da memória – foi atingida por ataques aéreos na Segunda Guerra Mundial, porém não foi restaurada. O seu topo continua lá esvaado. Todos que passam por ali percebem as marcas da guerra em meio a um dos principais centros de compra de Berlim. Existem muitos artefatos memoriosos espalhados por Berlim e pela Alemanha, principalmente em Museus, não só sobre o Holocausto, mas sobre toda a história da Alemanha, sua formação e sua divisão na Guerra Fria, por exemplo. Estes, aqui relatados, porém, são os que mais me chamaram a atenção, por estarem fora dos Museus, e foram as principais fontes de inspiração para o produto C.

Ao me deparar com todos esses objetos, me lembrei com entusiasmo do livro *K. – Relato de uma Busca*, de Bernardo Kucinski, lido em 2014 na disciplina *Literatura Brasileira Contemporânea*, cursada na UnB. Lembrei-me de quando o li e da sensação que aquele texto me passou. Ele me contou muito mais sobre a Ditadura do que já me foi tentado explicar. Neste livro, eu senti o sofrimento e a angústia daquele período. Os detalhes que nunca me foram contados. Apesar de ser um história de ficção, é baseada em fatos reais e conta aquilo que nem os documentos oficiais, os poucos que existem, conseguem expressar. A literatura, portanto “guarda, de maneira mais incisiva do que a historiografia, a memória ainda dolorida de um tempo áspero e impróprio (...) ainda pouco possuído”³.

A memória da Ditadura Militar Brasileira, entretanto, continua controversa e não-compartilhada. Para que ela seja lembrada, é necessário estar presente na cultura da população de forma intensa e instigadora, de modo que alcance “a força simbólica que lhe permite ultrapassar os limites do tempo.”². A literatura é uma cápsula onde o tempo não passa. Ela pode ir e vir entre passado, presente e futuro. Por isso, ela é um componente essencial, que “constitui um campo privilegiado para repensar certo tipo de memória em risco.” (DALCASTAGNÈ, 1996).

O que quer que sejam e o que quer que façam, sejam elas conscientes ou inconscientes, as fantasias situam-se no limiar entre imaginação pessoal e coletiva, e servem de pontes entre elas. Isso se aplica com mais verdade ainda à ficção, que consiste em fantasias disciplinadas, ordenadas e embelezadas. Como todas as ações do espírito, a produção de ficções é privilégio de um indivíduo isolado. Contudo, na medida em que um romance adquire circulação cultural, obtendo uma vendagem satisfatória, despertando um debate apaixonado ou devassando sentimentos

³ DACALSTAGNÈ, Regina; VECCHI, Roberto. Apresentação in: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 43, Brasília, jan./jun. 2014

reprimidos, ele pode iluminar o segmento da cultura onde se originou e ao qual se dirige. (GAY, 1990)⁴

Dessa forma, a literatura exerce uma função social de restauradora da memória. Ela pode relatar aquilo que aconteceu e fomos privados de saber. Ela reconstitui a história como uma memória compartilhada e ajuda, assim, a mantê-la viva, sendo um dos principais pilares formadores da nacionalidade e da *Erinnerungskultur* – a cultura da lembrança. Os romances, que têm como tema a Ditadura, são documentos imprescindíveis de um tempo que ainda não nos foi revelado por inteiro, uma história que se tem de continuar fazendo.⁵

Então, ainda refletindo sobre a pergunta do início – o que eu posso fazer para tornar esse objeto socialmente relevante? – decidi trabalhar com a memória em risco da Ditadura Militar Brasileira, um período repleto de atrocidades, que pouco são lembradas e, atualmente, são mais uma vez desejadas por aqueles que decidiram esquecer.

Como eu faria isso? Através da literatura, mais especificamente através dos contos sobre a Ditadura escritos por Bernardo Kucinski.

5.1.1 – Naqueles tempos: os contos de *Você Vai Voltar Pra Mim*

K. – Relato de uma Busca e Você Vai Voltar Pra Mim e outros contos foram lançados no mesmo ano, 2014, pela editora Cosac Naify. Ambos foram escritos por Bernardo Kucinski e seguem um projeto gráfico único.

Como a intenção foi a produção de um objeto bilíngue, *Você Vai Voltar Pra Mim e outros contos* foi selecionado como obra a ser estudada, uma vez que *K.* já possui uma tradução para o alemão intitulada *K. oder Die verschwundene Tochter* – *K.* ou a filha desaparecida, lançada em 2013, pela editora *Transit*. Além disso, seria mais fácil trabalhar com contos independentes do que com uma única longa história, do ponto de vista da tradução e da temática variada.

Diferentemente de *K.*, que se concentra em uma única narrativa nas suas 187 páginas, *Você Vai Voltar Pra Mim* apresenta 28 contos sobre a Ditadura Militar Brasileira. A intenção, nestas histórias, não foi a de discorrer sobre esse período negro do passado do nosso país. Ao

⁴ GAY, PETER. A paixão terna, p.124 in: DALCASTAGNÈ, Regina. O Espaço da Dor. Brasília-DF: Editora UnB, 1996.

⁵ DALCASTAGNÈ, Regina. O Espaço da Dor. Brasília-DF: Editora UnB, 1996.

contrário, Kucinski tenta mostrar os pequenos acontecimentos e as desastrosas consequências do governo de 1964 a 1985 na vida de pessoas comuns.

Talvez aqui, neste particular, os contos não tragam grandes novidades em relação a poucas dezenas de romances que abordaram o período; seu valor está em trazer o depois, aquilo que não foi contado, o cotidiano, a religiosidade, o ângulo inesperado, o silêncio, o detalhe, o fato menos sabido, mas nem por isso menos importante. Enfim, os contos de Bernardo Kucinski são uma busca incessante em retratar as pequenas coisas, os pequenos eventos e as pequenas epifanias que fizeram o horror dos anos da ditadura. Há ironia nos contos; mas fundamentalmente, há dor. (ARISTIMUNHO, 2014)⁶



Figura 6 - Capa de *K. Relato de uma Busca*. Cosac Naify. 2014.



Figura 7 - Capa de *Você Vai Voltar Pra mim e Outros Contos*. Cosac Naify. 2014.

Não há como falar de repressão, censura, desaparecimento e morte sem a presença da dor. Ela é peça intrínseca do terror. No prefácio de *Você Vai Voltar pra Mim*, Maria Rita Kehl (2014) indaga “qual o tempo necessário para transformar o horror sem sentido em experiência estética compartilhada?”⁷. É possível medir este tempo? Provavelmente não. Theodor Adorno (1949) disse que seria bárbaro escrever poesia depois de Auschwitz⁸. E o que vemos é exatamente o contrário. Milhares de filmes e livros sobre o Holocausto, poeticamente e esteticamente bem elaborados, foram produzidos nas últimas décadas. Talvez o escrito

⁶ Disponível em: <<http://www.laparola.com.br/livro-resenha-voce-vai-voltar-pra-mim-e-outros-contos-bernardo-kucinski>> Acesso em 05/11/2011

⁷ KEHL, Maria Rita. A Ironia e a dor in: KUCINSKI, Bernardo. *Você Vai Voltar Pra Mim e outros contos*. São Paulo-SP: Cosac Naify, 2004.

⁸ Disponível em: <<http://www.zeit.de/1992/14/die-stimme-bleibt>> Acesso em: 06/11/2015

poético mais significativo sobre o holocausto seja o poema *Todesfuge* – fuga da morte, de Paul Celan, que tematiza o extermínio de judeus:

Leite negro da madrugada nós o bebemos de noite
 nós o bebemos ao meio-dia e de manhã nós o bebemos de noite
 nós o bebemos bebemos
 cavamos um túmulo nos ares lá não se jaz apertado
 Um homem mora na casa bole com cobras escreve
 escreve para a Alemanha quando escurece teu cabelo de ouro Margarete
 escreve e se planta diante da casa e as estrelas faíscam ele assobia para os seus
 Mastins
 assobia para os seus judeus manda cavar um túmulo na terra
 ordena-nos agora toquem para dançar

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite
 nós te bebemos de manhã e ao meio-dia nós te bebemos de noite
 nós o bebemos bebemos
 Um homem mora na casa e bole com cobras escreve
 escreve para a Alemanha quando escurece teu cabelo de ouro Margarete
 Teu cabelo de cinzas Sulamita cavamos um túmulo nos ares lá não se jaz apertado

Ele brada cravem mais fundo na terra vocês aí cantem e toquem
 agarra a arma na cinta brande-a seus olhos são azuis
 cravem mais fundo as pás vocês aí continuem tocando para dançar

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite
 nós te bebemos ao meio-dia e de manhã nós te bebemos de noite
 nós bebemos bebemos
 um homem mora na casa teu cabelo de ouro Margarete
 teu cabelo de cinzas Sulamita ele bole com cobras
 Ele brada toquem a morte mais doce a morte é um dos mestres da Alemanha
 ele brada toquem mais fundo os violinos vocês aí sobem como fumaça no ar
 aí vocês têm um túmulo nas nuvens lá não se jaz apertado

Leite negro da madrugada nós te bebemos de noite
 nós te bebemos ao meio-dia a morte é um dos mestres da Alemanha
 nós te bebemos de noite e de manhã nós bebemos bebemos
 a morte é um dos mestres da Alemanha seu olho é azul
 acerta-te com uma bala de chumbo acerta-te em cheio
 um homem mora na casa teu cabelo de ouro Margarete
 ele atíça seus mastins sobre nós e sonha a morte é um dos mestres da Alemanha

teu cabelo de ouro Margarete
 teu cabelo de cinzas Sulamita
 (CELAN, 1945)⁹

⁹ Tradução de Modesto Carone in: Quatro mil anos de poesia. GUINSBURG, J. e TAVARES, Zulmira Ribeiro. São Paulo – SP: Ed. Perspectiva, 1969.

Sendo bombardeado, mesmo involuntariamente, com a história da Alemanha, ao viver no país, me dei conta de que o que vemos no Brasil, entretanto, é uma produção ainda muito tímida de obras que tratem da história do país de forma intensa, poética e simbólica, de modo que a manutenção da memória faça parte da vida dos brasileiros.

Assim, buscando realizar um objeto que contenha força memorial e simbólica, selecionei 5 dos 28 contos de *Você Vai Voltar Pra Mim* para compor o produto C. As histórias são fortes, por isso, a seleção dos 5 contos foi feita de forma que, em C., a leitura fosse intercalada por momentos de emoção poética e de tensão. Os contos escolhidos foram: *Um Homem Muito Alto*, *Tio André*, *Terapia de Família*, *O Velório* e *Joana*.

Um Homem Muito Alto trata da história de um garoto que sempre foi muito maior do que a maioria, possuía uma altura descomunal. Quando cresce, ele participa de um grupo, que assalta bancos para financiar a luta contra a Ditadura, tendo, por fim, um triste destino.

Tio André conta sobre o dia em que um pai leva o filho para visitar o tio. No caminho, o filho faz perguntas sobre o tio, e descobrimos que o homem mora em um barraco, escondendo-se da polícia, pois, em uma época, “a polícia era igual aos bandidos, era do mal como eles”¹⁰. Ao finalmente chegarem no barraco, deparam-se com a moradia trancada, e a história segue um rumo trágico. Era o dia do aniversário dele.

Terapia de Família mostra o desenrolar de traumas e problemas ocorridos em uma família, devido, principalmente, à prisão do pai durante a Ditadura. O personagem principal é o filho, que não tem vontade de fazer nada e não consegue se concentrar em nenhum estudo, o que indica depressão. A família chama um psicanalista para tentar ajudá-los.

O Velório é a história de uma família enterrando um filho. A descrição do momento é ricamente e melancolicamente detalhada, durante a narração do sofrimento dos pais, que não aceitavam a situação. A cidade inteira comparece. No fim, contudo, algo nos é revelado. Algo que ficou subentendido durante todo o conto. Algo que mostra a tristeza causada pelo governo ditatorial.

Joana é uma história de amor. É um conto sobre uma mulher, que vive perambulando à noite, indagando moradores de rua. Ela procura seu marido, desaparecido pela Ditadura.

¹⁰ KUCINSKI, Bernardo. *Tio André* in: *Você Vai Voltar Pra Mim e outros contos*. São Paulo-SP: Cosac Naify, 2004.

Apesar de lhe afirmarem que ele está morto, ela não aceita o fato e acredita que um dia o reencontrará novamente.

5.2 – A tradução do texto e do pensamento

Foi durante o demorado processo de traduzir os 5 contos para o alemão que os textos sobre a ditadura previamente estudados e as referências amadureceram na minha mente. Consegui, assim, transformar ideias em um produto de consistência conceitual e gráfica. Acredito que isso tenha acontecido, porque a tradução exigiu de mim uma capacidade muito grande de interpretação de texto, ajudando-me a traduzir os meus anseios em algo concreto.

Além disso, a língua alemã, por si só, possui recursos que carregam a memória. Um exemplo são as diversas palavras que a língua possui para monumento¹¹.

Denkmal, que se origina do verbo *denken* – pensar, é um monumento para se pensar sobre algo. *Ehrenmal*, que vem de *Ehre* – honra, é um monumento para honrar alguém. Já *Mahnmal*, que se origina do verbo *mahnen* – alertar, é um monumento para alertar sobre algo. *Gedenkstätte*, do verbo *gedenken*, é um local para lembrarmos de algo que não pode ser esquecido, este nome é normalmente dado aos campos de concentração como a *Gedenkstätte und Museum Sachsenhausen*, campo de concentração localizado no norte de Berlim.

A língua alemã também possui uma característica muito interessante, que é a colocação do verbo principal somente no final da frase, em casos específicos, como ao utilizar verbos modais, em orações subordinadas e, vejam só, ao se falar do passado. Na fala, os alemães utilizam os verbos auxiliares *haben* – ter, o verbo *sein* – ser e estar, ou o verbo *werden* – para orações na voz passiva, em conjunto com um verbo principal no particípio, que é dito apenas no final. Todo o complemento da frase, como advérbios, adjetivos e objetos diretos e indiretos devem ser colocados entre o verbo auxiliar e o principal.

Exemplo:

Die Polizei hat am letzten Montag die Demonstranten heftig angegriffen.

A Polícia atacou violentamente os manifestantes na última segunda-feira.

Neste exemplo, o particípio do verbo *angreifen* – atacar – aparece somente ao final da frase, após todas as outras informações já terem sido ditas. Isso faz com que as pessoas prestem atenção a tudo, pois a informação só se completa no fim. Creio que essa característica exerce uma influência na percepção da memória pelos falantes da língua.

Fui capaz de traduzir os textos, pois estudei alemão em Berlim por 6 meses, alcançando o nível de fluência C1, com certificado da *GfdS – Gesellschaft für deutsche*

¹¹ Disponível em: <<https://www.hanisauland.de/lexikon/d/denkmal.html>> Acessado em 08/11/2015.

*Sprache*¹². O nível C1 corresponde ao *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Neste nível, o estudante da língua:

Consegue entender uma gama variada de textos sofisticados e mais longos, assim como conseguir compreender significados implícitos. Consegue expressar-se de forma espontânea e fluente sem precisar, a todo momento, procurar por palavras. Consegue utilizar o idioma tanto na vida social e profissional como também na escola ou faculdade de forma eficaz e flexível. Consegue expressar-se de forma clara, estruturada e detalhada sobre assuntos complexos, utilizando adequadamente vários meios para interligar os textos.¹³

Traduzi os textos com a ajuda dos dicionários virtuais DUDEN¹⁴ e dict.cc¹⁵ e o dicionário físico *Dicionário Escolar Alemão*, da Michaelis. Uma obra que muito me auxiliou foi o livro *Gramática Alemã*, do professor Herbert Andreas Welker, com a 5ª edição publicada pela Editora UnB em 2015. Ainda, utilizei referências como o livro *Microcontos – Minigeschichten aus Brasilien*, livro bilíngue com contos contemporâneos brasileiros em português e em alemão e o livro *Dunkle Tiger: Lateinamerikanische Lyrik*, encontrado no chão em Berlim para doação, que contém poesias bilíngues em espanhol e em alemão.

Mesmo com grande ajuda bibliográfica, a tradução foi posteriormente corrigida por dois amigos alemães, Thomas Krauslach e Selina Arjomand, e também por um casal alemão de amigos do Thomas, de sobrenome Burghardt. Todos eles moram atualmente em Berlim. Os Burghardt, professores de alemão, grifaram e alteraram o que eu havia errado e marcaram as partes que não ficaram muito claras, o que foi devidamente corrigido.

Nachdem Antunes ein Signal gab, wird der Sarg in das Grab gesenkt und wiederholt der Priester Gonçalves das Gebet für die Verstorbenen. Personen laufen neben der Grube und werfen eine Handvoll Erde. Frauen werfen rote Rosen, die von den Schwestern gebracht wurden. Der Totengräber John übernimmt es, indem er sehr schnell mit der Schaufel große Mengen Erde wirft. Uncle Teixeira aus Bauru nimmt eine weitere Schaufel und beschleunigt die Bestattung. Die Menschen fangen an, sich zu zerstreuen. Die ersten Regentropfen fallen. Der Sarg ist beerdigt. Im Sarg sind eine Jacke und ein Paar Schuhe von Roberto. Seine Leiche wurde nie gefunden.

Figura 8 – Printscreen de conto após correção. Documento do Word. Fonte: Pedro Paulo Teixeira.

¹² Site da sociedade disponível em: <<http://gfds.de>> Acesso em 08/11/2015.

¹³ Disponível em: <<http://www.goethe.de/ins/br/rio/lrn/stf/ptindex.htm>> Acesso em 08/11/2015.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.duden.de>> Acesso em 08/11/2015.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.dict.cc>> Acesso em 08/11/2015

5.3 – A Torre e a Cascavel: o projeto gráfico de C.

Será que o livro é um corpo que contém alma, metaforicamente falando?

Paulo Silveira¹⁶

5.3.1 – Referências, rascunhos e prototipagens

Antes de ser livro-objeto, C. nasceu sendo pôsteres-revista, tipo de cartaz dobrado que de um lado é pôster e no outro contém texto. Possuía como referência principal a revista *Chicundum*¹⁷, da loja virtual de camisetas Chico Rei¹⁸.



Figura 9 – Pôster- revista *Chicundum*.



Figura 10 – Pôster- revista *Chicundum*.

¹⁶ SILVEIRA, Paulo. A página violada. Porto Alegre – RS: Editora da UFRGS, 2008.

¹⁷ Disponível em: <<http://blogchicorei.com/chicundum-2/>> Acesso em 08/11/2015.

¹⁸ Disponível em: <<http://chicorei.com>> Acesso em 08/11/2015.

Com este formato em mente, rascunhei diversas formas de cartazes, lendo também a obra *O Cartaz*, de Abraham Moles. Percebi, com o tempo, que eles não expressavam exatamente aquilo que eu queria dizer.



Figura 11 – Rascunho de cartaz.
Por: Pedro Paulo Teixeira.



Figura 12 – Rascunho de cartaz.
Por: Pedro Paulo Teixeira.



Figura 13 – Rascunho de cartaz.
Por: Pedro Paulo Teixeira.



Figura 14 – Rascunho de cartaz.
Por: Pedro Paulo Teixeira.

Esses pôsteres seriam dobrados, o que possibilita uma diagramação textual incomum, pois a leitura ocorre à medida que o papel vai sendo desdobrado, como um livro de páginas invertidas.

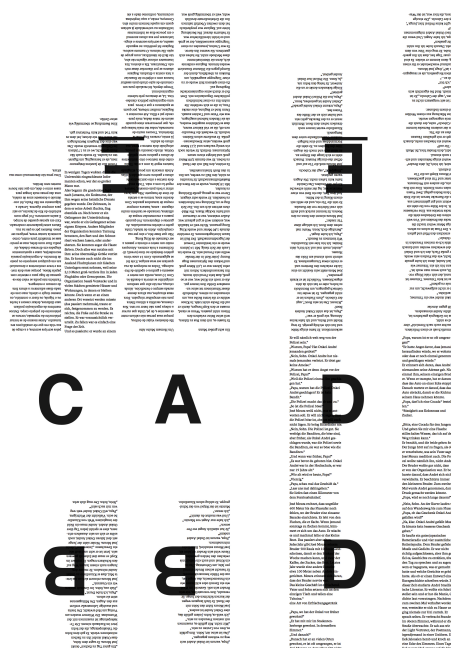


Figura 15 – Rascunho do lado textual do pôster-revista. Por: Pedro Paulo Teixeira.

Com a dificuldade de imprimir em grande formato, por exemplo tamanho A1, frente e verso, busquei a serigrafia como alternativa de impressão com Natinho. Ele me disse que seria difícil fazer o meu projeto em serigrafia e que poderíamos tentar, realizando diversas alterações. Ele pediu que eu lhe entregasse uma prova para teste, impressa a laser em papel vegetal. Até então, eu não sabia que era fácil imprimir em papel vegetal.

Buscando mais formas de trabalhar com este material, o papel vegetal, encontrei uma referência que modificou a forma como eu estava visualizando o trabalho até então.



Figura 16 – *Skim Scan Read Copy/Rec.* Autor: Cleber Rafael de Campos.¹⁶

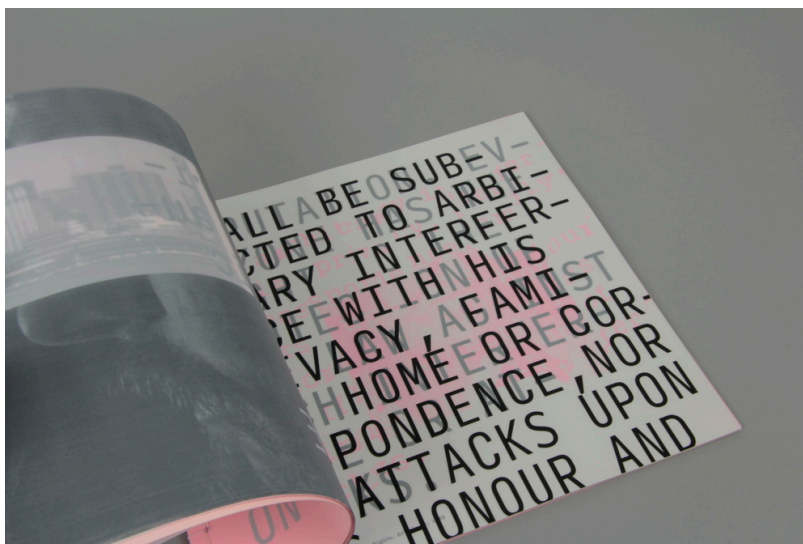


Figura 17 – *Skim Scan Read Copy/Rec.* Autor: Cleber Rafael de Campos¹⁶

O projeto de mestrado *Skim Scan Read Copy/Rec. Live* do brasileiro Cleber Rafael de Campos para a *London College of Communications* investiga o processo de influência mútua entre mídias mais novas e mídias mais antigas¹⁹. Nele, é utilizado papel transparente para comunicar tal conceito.

Essa referência me fez retornar a um texto lido no início de todo o processo. Este texto faz parte de uma exposição de 1996, da artista Rosângela Rennó, chamada *Cicatriz*²⁰. Nesta exposição, são apresentados textos esculpidos em gesso acartonado e também dezoito fotografias de textos gravados na pele de diferentes pessoas, dos quais o seguinte faz parte:

Há cerca de quatro anos, um senhor de fisionomia triste procurou C., restaurador de fotografias, em seu estúdio. Queria que ele lhe restituisse à memória a imagem de sua mãe, morta anos atrás. Porém, só guardara uma foto dela, morta, dentro do caixão. Aquele senhor queria uma foto em que sua mãe aparecesse cheia de vida. Seria impossível fazer isso apenas restaurando aquela foto. Pedi que me descrevesse como eram os cabelos, os lábios, os olhos dela. A partir da descrição, tirei-a do caixão, desenhei-lhe um vestido bonito, abri seus olhos. Quinze dias depois, o homem voltou e quando viu a foto, chorou, lembra o restaurador.²¹

A partir deste texto, retirei o conceito de que é possível visualizarmos uma memória, que é trágica e triste, de uma outra maneira, despertando o interesse do leitor. Seria impossível resgatar a memória da ditadura apenas restaurando as imagens. Era preciso algo a mais, um olhar não convencional. Deste texto, também veio o nome do projeto, C., que é o nome do restaurador e, sendo apenas uma letra, também faz analogia ao livro de Kucinski, *K. – relato de uma busca*.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.cleberdecampos.com/outcome/>> Acessado em 08/11/2015.

²⁰ Disponível em: <<http://www.rosangelarenno.com.br/obras/view/57/1>> Acesso em 08/11/2015.

²¹ SELIGMAN-SILVA, Márcio. Fotografia como arte do trauma e imagem-ação: jogo de espectros na fotografia de desaparecidos das ditaduras na América Latina. Temas em Psicologia. São Paulo – SP: Unicamp, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v17n2/v17n2a04.pdf>> Acesso em 08/11/2015.

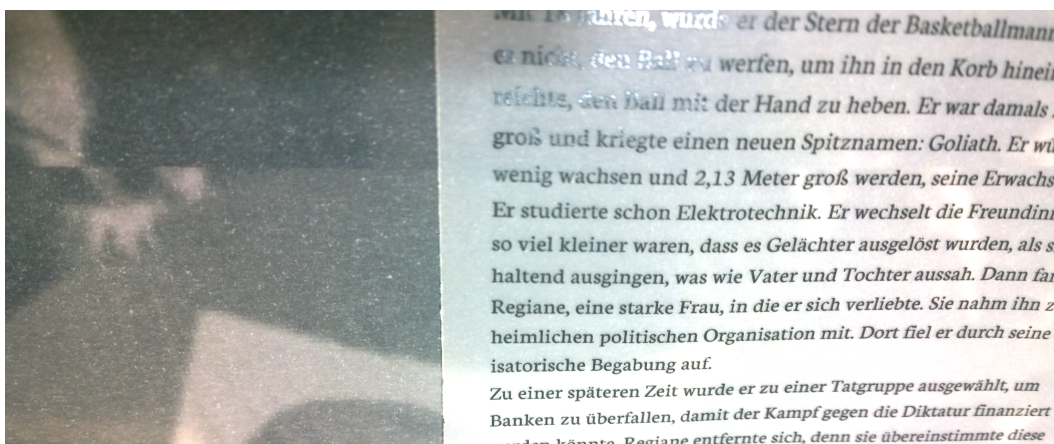


Figura 20 – Testes feitos em papel vegetal. Por: Pedro Paulo Teixeira.

Portanto, “se passei muito rapidamente ‘pelo que talvez seja’ e pelo que ‘não é’, é porque preciso chegar no que ‘passa a ser’”²². Ou seja, atravesssei um longo processo de testes para, enfim, chegar ao livro-objeto, que se mostrou o suporte ideal para a comunicação dos contos e de todo o conceito de C. O livro, afinal, é uma sequência espaço-tempo autônoma²³.

5.3.2 – O Formato

Com a ajuda dos livros *Grid Systems in Graphic Design* (1981), de Josef Müller-Brockmann, *Grids* (2008), de Gavin Ambrose e Paul Harris, *Criar Grids* (2009), de Beth Tondreau e *A Forma do Livro* (2007), de Jan Tschichold, o formato do livro-objeto C. foi calculado a partir da razão áurea, em busca de uma proporção mais agradável. Por isso, as medidas do todo, assim como da mancha (onde está o texto), possuem uma relação proporcional de largura e comprimento de aproximadamente 1,618.

Considereei esta parte como uma das mais importantes do projeto, pois ele rege todos os outros elementos: o texto, as imagens, o acabamento e a caixa.

5.3.3 – Os papéis

Foram utilizados três tipos de papel. O papel vegetal 90g/m² foi utilizado nas intervenções das fotos e no texto magenta, em alemão. O papel pólen 85g/m² foi usado para a impressão das fotografias e do texto preto, em português. O papel paraná, por sua vez, foi trabalhado com tinta spray para a confecção da caixa.

²² SILVEIRA, Paulo. A página violada. Porto Alegre – RS: Editora da UFRGS, 2008.

²³ CARRIÓN, Ulises in SILVEIRA, Paulo. A página violada. Porto Alegre – RS: Editora da UFRGS, 2008.

A Ä B C D E F G H I J K L M O Ö
 N O P Q R S S S T U Ü V W X Y Z
 a ä b c d e f g h i j k l m n
 o ö p q r s ß t u ü v w x y z
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Figura 22 – Fonte *Rockwell Light*.

5.3.5 – A Cor

Decidi trabalhar com magenta e variações (brilho e saturação), pois queria fugir da representação usual de cores relacionadas ao tema, como verde, amarelo, azul (cores da bandeira do Brasil) e vermelho (cor de sangue). Eu gostaria de fazer o mesmo que C., o restaurador de memórias, fez ao provocar um outro olhar sobre a imagem da mãe morta do cliente. Minha intenção não foi a de “embeleazar”, mas de provocar a reflexão.

O texto em português está em preto, pois é o original. O texto em alemão está em magenta, pois foi o processo pessoal de estudo e tradução que me possibilitou ter este outro olhar. Portanto, todas as intervenções em vegetal também estão em magenta. Assim, a tinta spray magenta também foi utilizada nos *Stencils* da caixa, para realçá-los.

De início, gostaria que todo o produto fosse magenta, mas percebi que isso poderia provocar um desconforto visual, pela força da cor. Por isso, para balancear, o preto foi adicionado, aliado também à cor bege do papel pólen.



Figura 23 – Representação das cores do projeto. Feita no *Illustrator CC 2015*. Por: Pedro Paulo Teixeira.

5.3.6 – As fotografias

As fotografias foram utilizadas no livro-objeto, uma vez que “a ausência de imagens das torturas é parte de um buraco negro da memória da violência da ditadura. A violência dos atos brutais do terrorismo de Estado acontecia ao mesmo tempo que a tentativa de se apagarem os seus rastros²⁵”. Apesar disso, boas imagens do período ditatorial foram feitas por Evandro Teixeira. Algumas delas foram selecionadas para compor C., sendo editadas e sobpostas ao papel vegetal com intervenções em magenta.

Carlos Drummond de Andrade, inspirado por tais imagens, escreveu o poema *Diante das Fotos de Evandro Teixeira*, que expressa o sentimento aproximado que tive ao vê-las pela primeira vez, a seguir:

A pessoa, o lugar, o objeto
estão espostos e escondidos
ao mesmo tempo so a luz,
e dois olhos não são bastantes
para captar o que se oculta
no rápido florir de um gesto.

É preciso que a lente mágica
enriqueça a visão humana
e do real de cada coisa
um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das figuras.

Fotografia – é o codinome
da mais aguda percepção
que a nós mesmos nos vai mostrando
e da evanescência de tudo,
edifica uma penanência,
cristal do tempo no papel.

Das lutas de rua no Rio
em 68, que nos resta
mais positivo, mais queimante
do que as fotos acusadoras,
tão vivas hoje como então,
a lembrar como a exorcizar?

Marcas de enchente e do despejo,
o cadáver inseputável,
o colchão atirado ao vento,
a lodosa, podre favela,
o mendigo de Nova York
a moça em flor no Jôquei Clube,

Garrincha e nureyev, dança
de dois destinos, mães-de-santo

²⁵ SELIGMAN-SILVA, Márcio. Imagens Precárias in: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 43, Brasília, jan./jun. 2014

na praia-templo de Ipanema,
a dama estranha de Ouro Preto,
a dor da América Latina,
mitos não são, pois são fotos.

Fotografia: arma de amor,
de justiça e conhecimento,
pelas sete partes do mundo
a viajar, a surpreender
a tormentosa vida do homem
e a esperança a brotar das cinzas.
(DRUMMOND, 1983)²⁶

A fotografia tem, portanto, a capacidade de aproximar coisas do indivíduo, distantes no tempo e no espaço²⁷. Ela é, assim, “um dos dispositivos mais potentes quando se trata de se visualizar a inscrição mnemônica”²⁵, e, por isso, é também elemento essencial do livro-objeto C.

Fotografias em C. (em ordem de aparição):

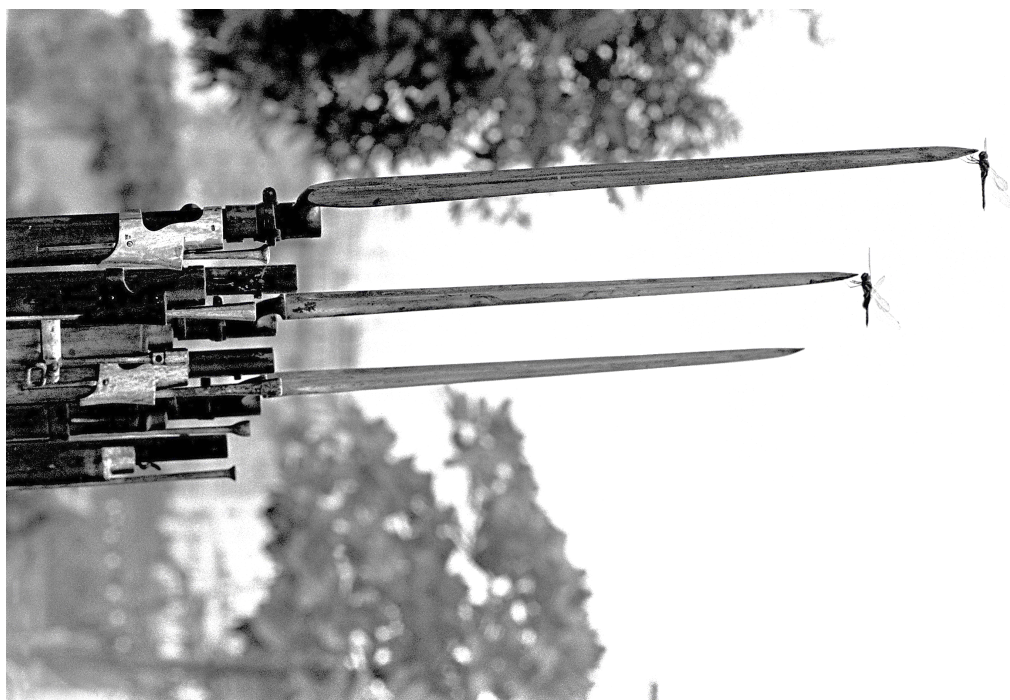


Figura 24 – libélulas pousadas nas baionetas de soldados durante evento com a presença do marechal Costa e Silva. Rio de Janeiro – RJ, 1967. Por: Evandro Teixeira.²⁸

²⁶ Disponível em: <<https://brasilmais40.wordpress.com/2014/04/03/a-ditadura-pelas-lentes-de-evandro-teixeira/>> Acesso em 08/11/2015.

²⁷ BENJAMIN, Walter. 2012, p. 108 in: SELIGMAN-SILVA, Márcio. Imagens Precárias in: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 43, Brasília, jan./jun. 2014

²⁸ Disponível em: <<http://www.artnet.com/artists/evandro-teixeira/artworks>> Acessado em: 08/11/2015.



Figura 25 – Visão panorâmica da invasão da cavalaria na missa do estudante Edson Luís. Igreja da Candelária. Rio de Janeiro – RJ, 1968. Por: Evandro Teixeira.²⁹



Figura 26 – Estudantes dispersados pela polícia. Rio de Janeiro – RJ, 1968. Por: Evandro Teixeira.³⁰

²⁹ GONÇALVES, Emily; NASCIMENTO, Manoel. A Ditadura Militar contada pelo olhar do fotógrafo Evandro Teixeira. In: VII Jornada de Iniciação Científica. São Paulo – SP, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011

³⁰ Disponível em: <<https://capitalismoemdesencanto.wordpress.com/2014/07/14/imagens-da-ditadura/6-evandro-teixeira-movimento-estudantil-1968-rio-de-janeiro-ampliacao-digital/>> Acessado em: 08/11/2015.



Figura 27 – Cavalaria invadindo a missa do estudante Edson Luís. Igreja da Candelária.
Rio de Janeiro – RJ, 1968. Por: Evandro Teixeira.²⁶

5.3.7 –As intervenções

Os elementos em magenta, impressos em papel vegetal, tentam interferir nas imagens para que elas sejam percebidas de uma maneira mais poética e lúdica, apesar de trágica. Para a disposição dos elementos, foi utilizada, quando aplicável, a Regra dos Terços, que é um guia para composição de imagens e layouts feito por meio da superposição de um *grid* 3x3 para criar focos ativos onde as linhas do *grid* se cruzam³¹.

Intervenções em C. (em ordem de aparição):



Figura 28 – Libélulas. Feito no *Photoshop CC 2015*. Por: Pedro Paulo Teixeira.

³¹ AMBROSE, Gavins; HARRIS, Paulo. Grids. Porto Alegre – Rs: Artmed, 2008.

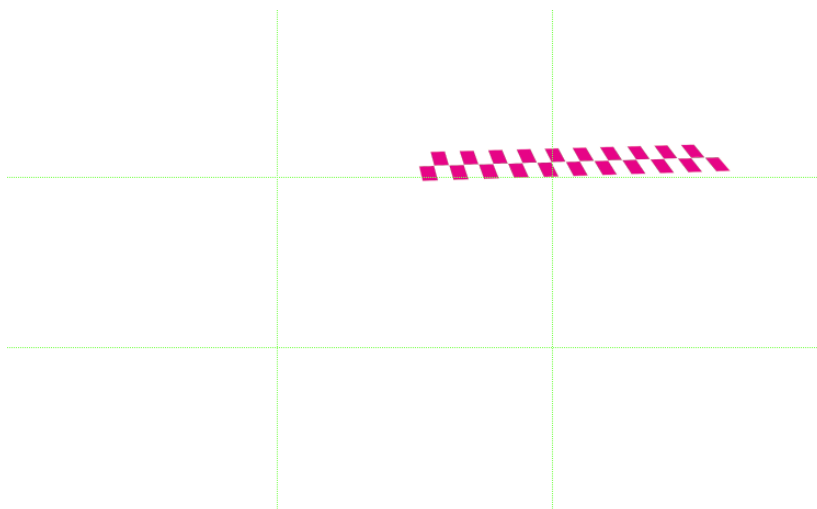


Figura 29 – Marca de largada de pista de corrida com *grid* 3x3 superposto.
Feito no *Photoshop CC 2015*. Por: Pedro Paulo Teixeira.



Figura 30 – Chuva. Feito no *Photoshop CC 2015*. Por: Pedro Paulo Teixeira

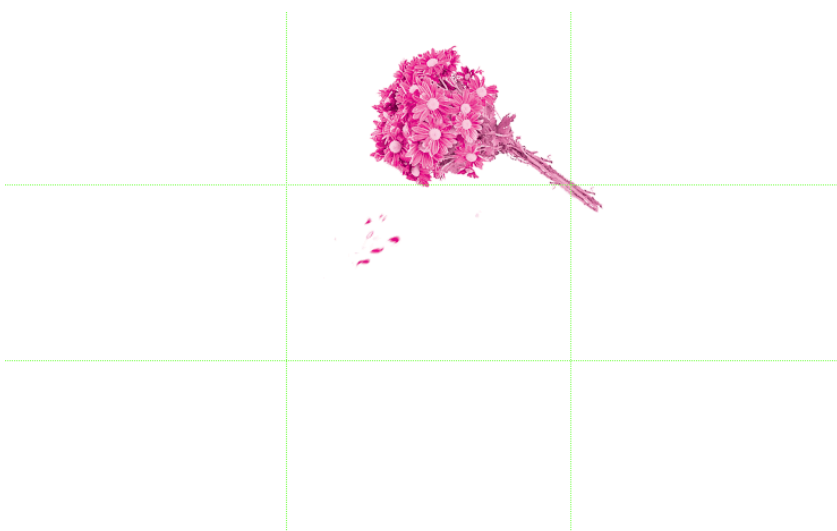


Figura 31 – Buquê de flores e pétalas caindo com *grid* 3x3 sobreposto. Feito no *Photoshop CC 2015*.
Por: Pedro Paulo Teixeira.

Assim, a intenção foi a de fazer o leitor pensar: e se, em vez de uma espada, um buquê de flores tivesse sido levantado pelo policial? E se os manifestantes estivessem correndo apenas da chuva? E se o confronto em frente à Candelária fosse apenas uma inocente corrida de cavalo no centro do Rio? É claro que estes questionamentos não vêm instantaneamente. É preciso uma dose maior de abstração. Creio que com o tempo, o leitor, ao qual este intuito não foi explicado, acaba entendendo o porquê dessas intervenções, principalmente ao ler os contos.

5.3.8 – Os pôsteres e a visualização de dados

As pessoas que foram mortas e desaparecidas na Ditadura Militar Brasileira possuem representação em C. Com informações do terceiro relatório da Comissão Nacional da Verdade³², dois pôsteres foram criados, apresentando o nome de cada pessoa, a data do acontecimento, se foi desaparecida ou morta e em qual local. A visualização de dados – *data visualization* – foi a referência estética principal estudada para a construção destes pôsteres. Ela é, basicamente, a representação de informação em forma gráfica. Pela maneira como o ser humano processa informação, é mais rápido para as pessoas absorver o significado de dados quando eles estão dispostos graficamente do que em papéis e documentos de reportagem. Ela é importante por fazer os leitores verem coisas que não eram previamente óbvias, tornando a interpretação mais fácil³³.

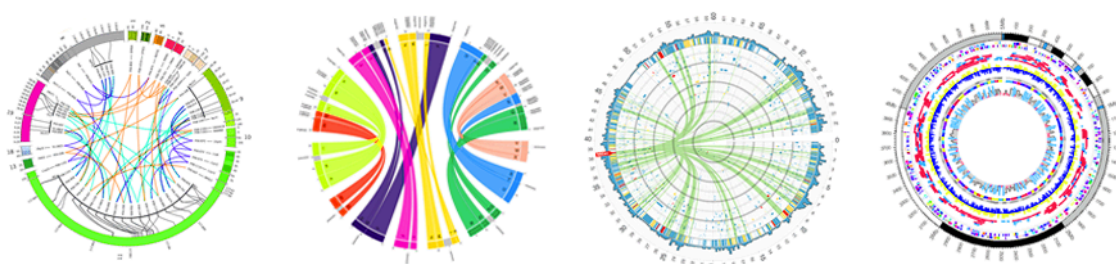


Figura 32 – Genoma circular e a visualização de dados. *Circos*.³⁴

As primeiras tentativas de transformar os nomes em dados visíveis foram realizadas ao acessar o site do aplicativo *Circos*³⁵. Este programa é muito poderoso e, pelo mesmo motivo,

³² Comissão Nacional da Verdade. Relatório Volume III. Mortos e Desaparecidos Políticos. Dezembro, 2014.

³³ Data Visualisation. What it is and why it is importante. Disponível em: <http://www.sas.com/en_us/insights/big-data/data-visualization.html> Acessado em 08/11/2015.

³⁴ Disponível em: <http://circos.ca/intro/published_images/> Acesso em 09/11/2015.

³⁵ Disponível em: <<http://circos.ca>> Acessado em 09/11/2015.

altamente complicado de usar. Percebi que demoraria muito tempo para aprender a manuseá-lo e chegar a um resultado que me agradasse.

A seguir, as principais referências e rascunhos feitos para a criação da visualização de dados:

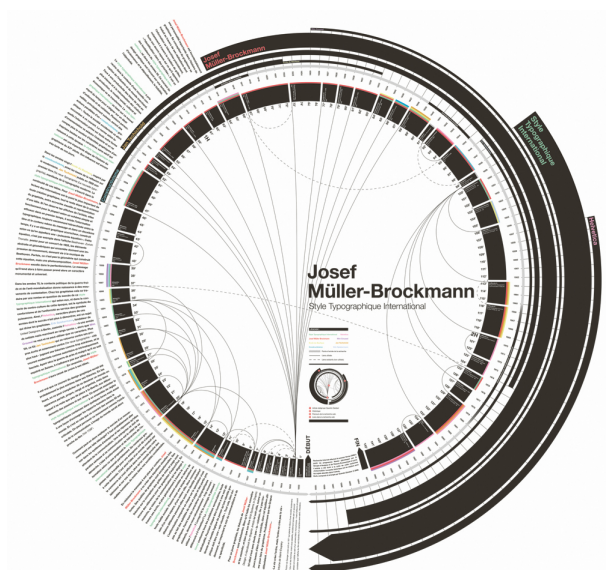


Figura 33 – Informações sobre o designer gráfico Josef Müller-Brockmann. Feito no Circos. 2011. Por: Quentin Delobel.³⁶

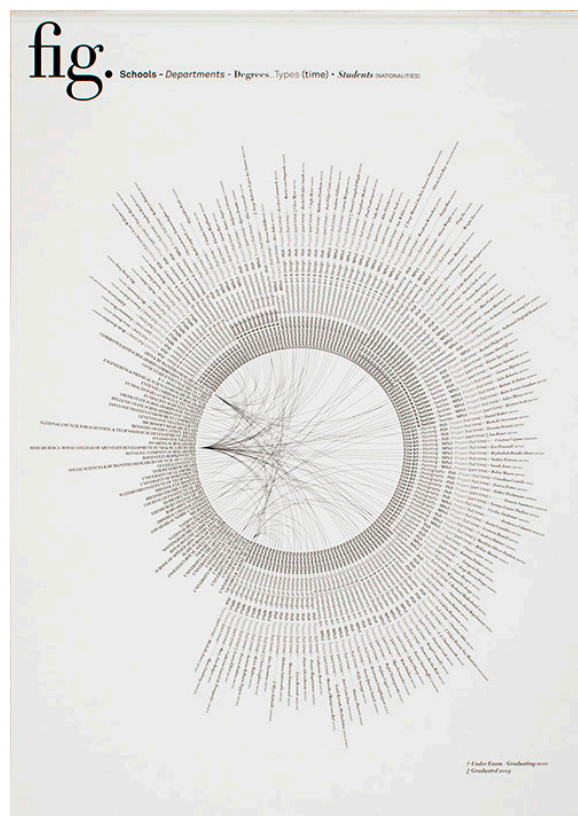


Figura 34 – Royal College of Art. 2009. Por: Karin von Ompteda.³⁷

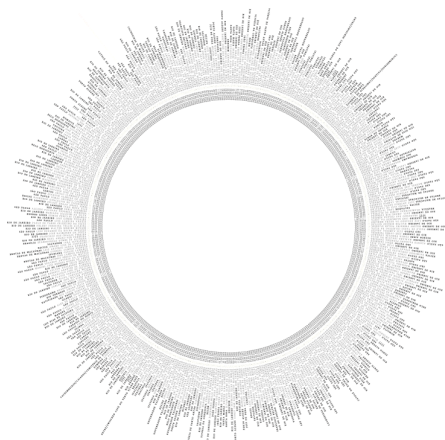


Figura 35 – Rascunho da visualização de dados de C. Feito no: *Adobe Illustrator CC 2015*. Por: Pedro Paulo Teixeira.

³⁶ Disponível em: <<http://www.swissinfographics.com/archives/308>> Acessado em 09/11/2015.

³⁷ Disponível em: <<http://www.creativedatapoints.com/2010/10/visualizing-org/>> Acessado em 09/11/2015.

Decidi desenvolver a visualização de dados utilizando uma ferramenta, com a qual sou muito familiarizado: o software *Adobe Illustrator*. Os rascunhos de pôsteres foram os primeiros elementos a serem desenvolvidos, antes mesmo de *C.* ser pensado como livro-objeto. Eles iriam fazer parte de um dos lados dos pôsteres-revista.

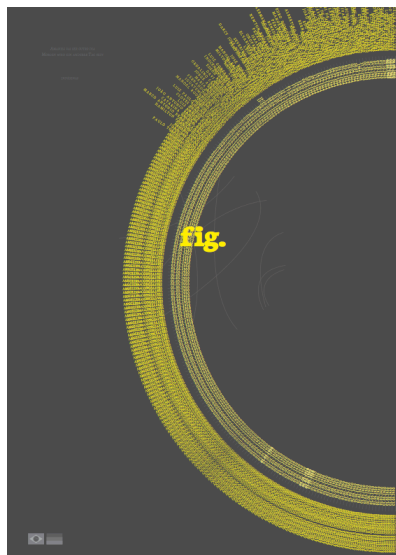


Figura 36 – Rascunho da visualização de dados de *C.* Feito no: *Adobe Illustrator CC 2015*. Por: Pedro Paulo Teixeira

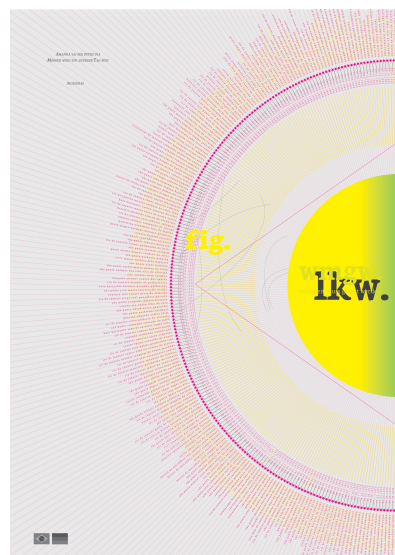


Figura 37 – Rascunho da visualização de dados de *C.* Feito no: *Adobe Illustrator CC 2015*. Por: Pedro Paulo Teixeira

Os pôsteres foram, no fim do processo, colocados dentro da caixa como objetos adicionais a *C.* Eles são os primeiros elementos vistos pelo leitor. O texto do restaurador foi colocado no verso deles. Sendo dois, em um pôster (magenta) o texto está escrito em alemão, e no outro (preto) em português.

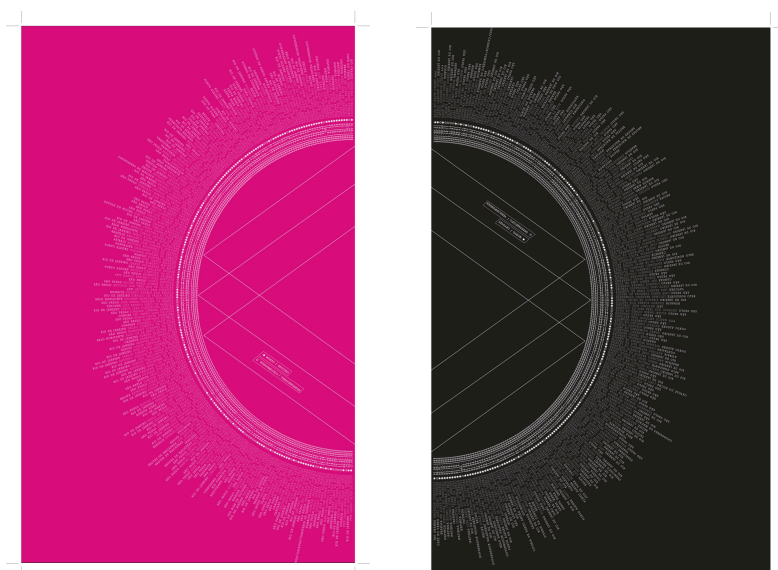


Figura 38 – Versão final aproximada dos pôsteres. Feito no: *Adobe Illustrator CC 2015*. Por: Pedro Paulo Teixeira.

As estrelas nos pôsteres indicam se a pessoa foi morta (estrela preenchida) ou desaparecida (contorno da estrela). Estrelas preenchidas foram posteriormente espalhadas pelo cartaz, como forma de representar os milhares de indígenas assassinados na Ditadura.

5.3.9 – O depoimento

O depoimento contido no final de *C.* também foi retirado do Relatório da Comissão Nacional da Verdade³⁸, e segue:

Ontem eu custei um pouco pra reconhecer o prédio. Foi necessário que a gente localizasse uma coluna, que está meio disfarçada, no meio de paredes. Só que quando nós achamos essa coluna, que ficava junto às salas de tortura, eu reconheci o prédio. Junto a essa coluna ficava um banco encostado. Como eram duas as salas de tortura, e nós éramos três, eles colocavam um em cada sala, pra tomar sessões de choque; uma das salas tinha o pau de arara, pra pendurar no pau de arara, e o outro ficava sentado, era bem do lado, quem sentasse nessa cadeira ouvia os que estavam sendo torturados. Era uma maneira que eles utilizavam para que aquele que estivesse esperando se autotorturasse, ficasse imaginando, ficasse configurando na sua cabeça o que aconteceria com ele. No momento em que eu fui colocado nesse banco, sempre algemado para trás, pensei: “Como é que eu posso me livrar dessa situação? Como é que eu posso amenizar isso?”. Decidi: “Só tem uma forma de fazer isso: dormir”. Então encostei nessa coluna e disse: “Bom, é sua obrigação revolucionária, obrigação moral de dormir”. Aí eu dormi. Depois disso, isso me ajudou enormemente, porque eu aprendi a dormir, nunca depois disso tive um problema de insônia, os poucos momentos que eu ficava na cela dormia desbragadamente. Quando vinham, jogavam a comida por baixo e eu empurrava com o pé de volta, e continuava dormindo. Porque, enquanto eu dormia, podia sonhar. Eu estava na praia, eu estava continuando a fazer as coisas, estava entrando em quartéis, tomando os quartéis, levando as armas que deveriam estar em poder do povo. Aprendi a dormir.³⁹

A decisão de encerrar o livro com este depoimento foi tomada, levando-se em consideração alguns fatores: a carga emocional do texto, a forte descrição e a frase final “aprendi a dormir”. Ao dormir, os olhos se fecham, o livro se fecha, e podemos sonhar com o fim definitivo da serpente.

5.3.10 – A caixa

Aproximadamente um mês após ter iniciado os primeiros rascunhos de *C.*, visitei uma exposição do artista Darcílio Lima, na Caixa Cultural do Setor Bancário Sul, em Brasília – DF⁴⁰. Eu não conhecia o artista, mas me surpreendi enormemente com o seu trabalho.

³⁸ Comissão Nacional da Verdade. Quadro conceitual das graves violações. Relatório Volume I. Dezembro, 2014.

³⁹ ESPINOSA, Antônio Roberto. Depoimento à CNV. Arquivo CNV, 24 de janeiro de 2014.

⁴⁰ Exposição ocorrida entre 8 de julho de 2015 e 30 de agosto de 2015. Curador: Guilherme Gutman.



Figura 39 – Sem título. Sem data. Nanquim aquarelado sobre papel. Por: Darcílio Lima.⁴¹



Figura 40 – Sem título. 1972. Litografia. Por: Darcílio Lima.²⁵

Esta exposição foi uma estimulante surpresa, pois ela me presenteou com mais um belo texto, que me ajudou a fortificar o conceito do livro-objeto. A obra de Darcílio constrói um universo fantástico, baseado, segundo o catálogo da exposição²⁵, na lenda de fundação da cidade onde nasceu, Cascavel no Ceará.

Existe uma antiga lenda sobre a fundação da cidade de Cascavel, no Ceará, no nordeste brasileiro. É dito que, sob o seu solo, viveria uma enorme e diabólica serpente. A população da cidade, amedrontada, construiu uma torre, que impediria a serpente de sair do subterrâneo onde habita e de avançar cada vez mais feroz. No topo dela, está Nossa Senhora do Ó. A torre foi erguida para fazer recordar a todos que o monstro está lá. Adormecido ou esperando a hora propícia para atacar. Mesmo assim, ela consegue, de tempos em tempos, lançar o seu veneno na cidade. É possível imaginá-la, percorrendo os canais escuros ou roçando a pele nas paredes terrosas. Com olhos vivos e atentos. Seu rasto não marca o solo, mas, sim, corações e mentes, ameaçando-os.

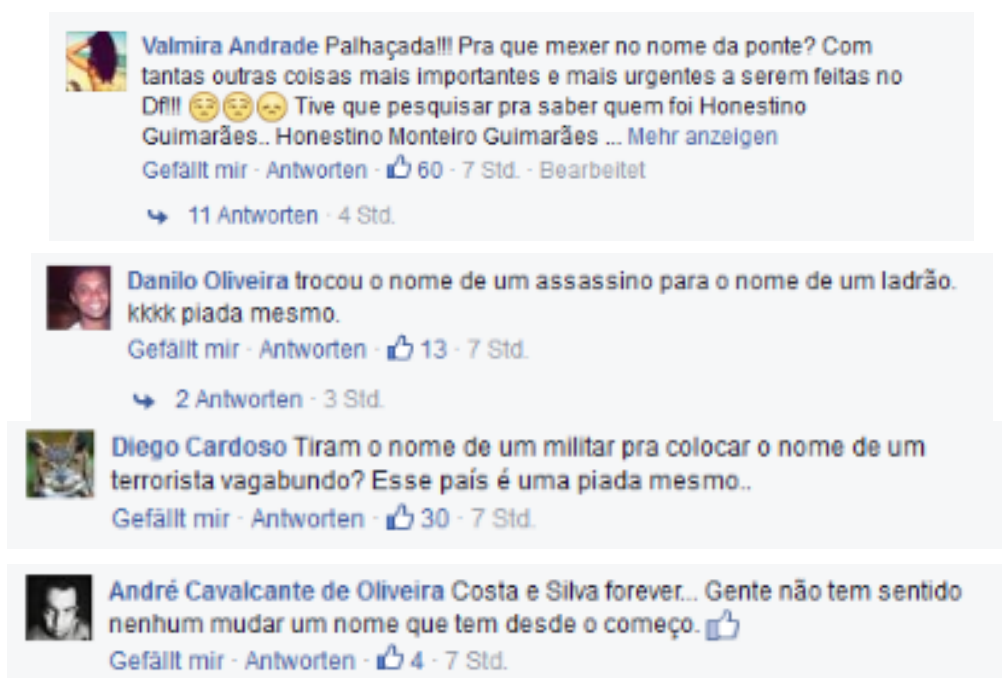
A Ditadura Militar Brasileira é uma parte da história do Brasil que foi enterrada e ocultada. Apesar de alguns esforços, ainda hoje, pouco se sabe sobre as peculiaridades deste período. A população brasileira não foi ensinada a se lembrar. Esqueceu-se de que, para chegarmos até hoje, muitas pessoas lutaram, sofreram e foram mortas para que uma sociedade mais justa e democrática fosse alcançada. A memória é mesmo instável para tais horrores.⁴² Sem a lembrança, a ameaça da Ditadura continua por aí, percorrendo canais escuros, roçando a pele nas paredes terrosas. Com olhos vivos e atentos. O Brasil precisa de mais torres.⁴³

⁴¹ Disponível no catálogo da exposição: COSTA, Afonso Henrique; GUTMAN, Guilherme. Darcílio Lima: um universo fantástico. Rio de Janeiro – RJ: R&L Produtores Associados, 2015.

⁴² DALCASTAGNÈ, Regina. O Sorriso dos Canalhas in: DALCASTAGNÈ, Regina. O Espaço da Dor. Brasília-DF: Editora UnB, 1996.

⁴³ Texto retirado da introdução do livro-objeto C. Por: Pedro Paulo Teixeira. Baseado no catálogo da exposição Darcílio Lima: um universo fantástico.

A partir da obra de Darcílio, construí uma analogia, que é uma identidade de relação entre seres de natureza diferente⁴⁴, entre a lenda e a Ditadura. A serpente representa a Ditadura e seus perigos. A Torre representa os objetos de comunicação que precisamos criar para fazer com que as pessoas se lembrem de que o veneno da “serpente” ainda está por aí. Como exemplo claros desta deslembança (o veneno), temos os atuais movimentos de pedido de Intervenção Militar no governo da Presidente Dilma Rousseff. Uma página no *Facebook* foi criada com o título Intervenção Militar Já, com o intuito de apoiar o movimento⁴⁵. Além disso, quando, em Brasília – DF, a antiga Ponte Costa e Silva, que liga a Asa Sul ao Lago Sul, foi finalmente renomeada para Ponte Honestino Guimarães, estudante da Universidade de Brasília e militante desaparecido na ditadura⁴⁶, a reação da maioria, foi, entretanto, contrária à mudança, como percebido na página do jornal Correio Braziliense na rede social *Facebook*. A Placa, na qual está escrito Ponte Honestino Guimarães, foi recentemente pichada com “Costa e Silva”.



⁴⁴ Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=analogia>> Acessado em 09/11/2015.

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/IntervencaoMilitarJa/>> Acesso em 09/11/2015.

⁴⁶ Mais sobre disponível em: <<http://honestinoguimaraes.com.br/biografia/>> Acesso em 09/11/2015.



Figura 41 – *Printscreens* de comentários no Facebook. Tirados em: 29/08/2015.

Concretizei a analogia, portanto, na caixa, a embalagem de *C*. Sendo esta o último elemento a ser pensado e produzido. Ela foi feita em papel panamá tingido de preto com tinta spray, para que a textura áspera, digna da Ditadura, e o cheiro forte estivessem presentes no projeto. A tinta exerce, ainda, uma função muito importante do livro-objeto: o manuseio da caixa pode pintar suaves manchas pretas nas mãos do leitor. Mais tarde, existe a possibilidade de serem percebidas, num processo de lembrança. Eu não teria conseguido atingir este efeito usando um papel preto ou caixa já prontos. A tinta spray magenta foi utilizada para pintar a serpente e a torre, por meio de uma técnica de stencil com utilização de acetato. A serpente fica no fundo, no subterrâneo. Acima dela está *C*., a torre. O livro-objeto está escondido atrás de um fundo falso, no sentido de que o leitor tem de descobrir a memória e encarar a serpente.

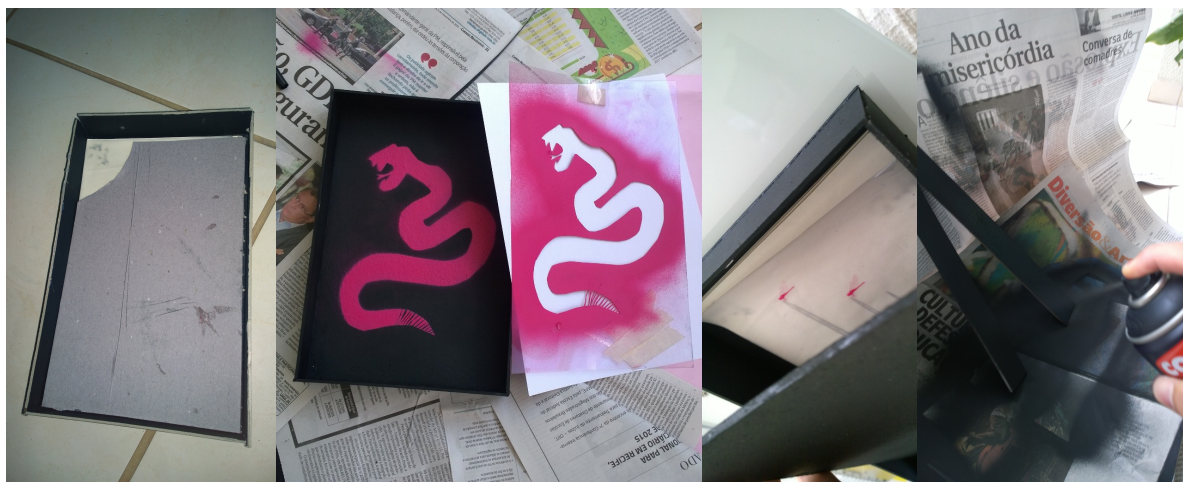


Figura 42 – Fotos da prototipagem da caixa. Tiradas em 09/11/2015. Por: Pedro Paulo Teixeira.

5.4 – Softwares, equipamentos, materiais e papéis utilizados

Softwares	Equipamentos e Materiais	Papéis
<i>Adobe Photoshop CC 2015</i>	<i>Macbook Pro</i>	Papel Vegetal 90g/m2
<i>Adobe Illustrator CC 2015</i>	Mesa digitalizadora <i>Wacom Intuos</i>	Papel Pólen 85g/m2
<i>Adobe Indesign CC 2015</i>	Furadeira e agulha (para encadernação)	Papel Paraná
<i>Microsoft Word</i>	Cola BIC Bond Gel	Folhas de jornal
<i>Pages e Notas</i>	Estilete OLFA e tesoura	
<i>Spotify</i> (para inspiração)	Régua metálica, fita crepe, lápis, caneta	
<i>SelfControl</i> (aplicativo que impede a entrada em sites que distraem)	Tinta <i>spray</i> Arte Urbana da <i>Colorgin</i> (preta e magenta)	
<i>Microsoft OneDrive</i> (para sincronização de arquivos na nuvem) + <i>pen drive</i>	Folhas de acetato	

5.5 – A Organização

A organização de pensamentos, prioridades, cronogramas e documentos foi realizada com o uso de anotações em caderno, anotações virtuais no aplicativo Notas, pastas de computador divididas por categoria e com a ajuda do software *Microsoft OneDrive*, que enviava automaticamente para a nuvem tudo o que eu fazia, assim eu não tive risco de perder algo. Um *pen drive* também foi utilizado para a realização de *backup*.

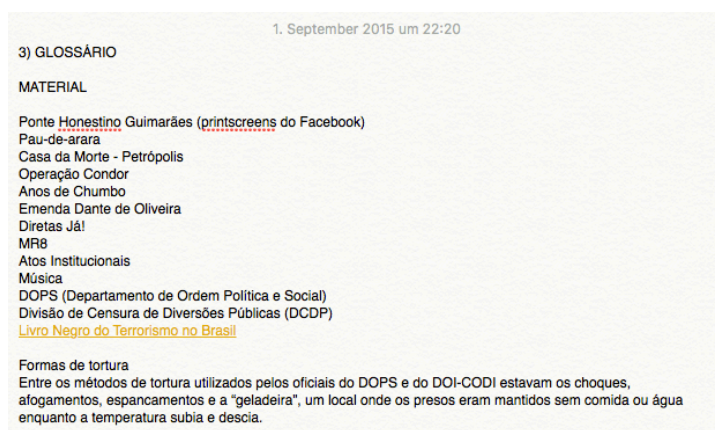


Figura 43 – *Printscreen* de anotações no aplicativo Notas. Tirada em 09/11/2015. Por: Pedro Paulo Teixeira.

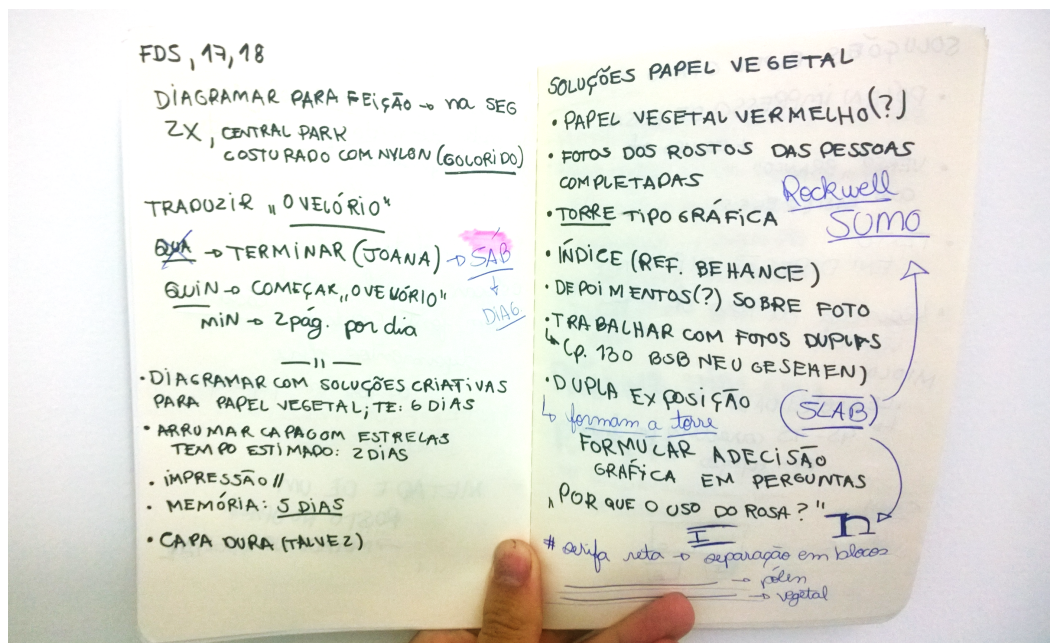


Figura 44 – Anotações em caderno. Tirada em 09/11/2015. Por: Pedro Paulo Teixeira.

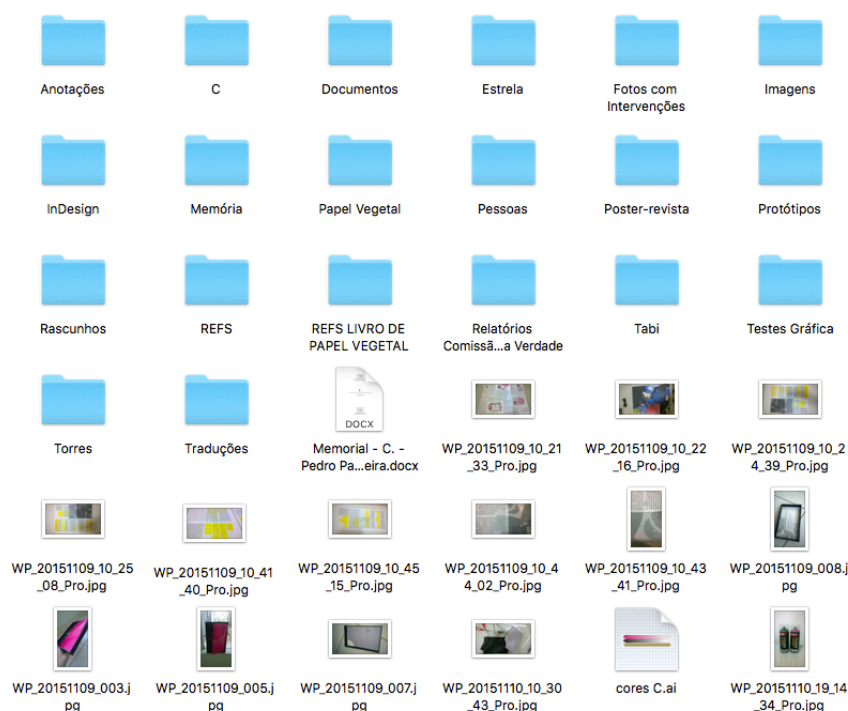


Figura 45 – Pasta de computador do projeto. Por: Pedro Paulo Teixeira.

5.6 – A impressão

A impressão do livro foi feita na gráfica Central Park.

Localizada em *SCN, Ed. Central Park, Loja 100 – Asa Norte, Brasília – DF.*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que, com *C.*, consegui materializar grande parte do que aprendi no curso de Comunicação Social. Isso inclui a parte técnica e gráfica do projeto, como também a parte de planejamento e pesquisa. O trabalho não compreende apenas o livro-objeto, mas também todo este processo de criação aqui apresentado, que é uma síntese, um recorte, de tudo que pensei, testei, descartei e comecei de novo, a fim de alcançar um resultado que representa o meu caminho pela Universidade de Brasília.

O início deste processo foi árduo e conturbado, pois não possuía uma ideia concreta de aonde eu realmente gostaria de chegar. Entretanto, é interessante perceber como o percurso traçado mostrou alternativas viáveis a partir das diversas dificuldades que encontrei, de impressão e acabamento, por exemplo.

Aconteceu algo, que considero mágico, que foi a sábia orientação da professora Celia Matsunaga. Desde a primeira reunião, ela me provocou com indagações pertinentes para que eu pensasse além da caixa, que é a nossa cabeça, sempre me apoiando quando uma ideia incomum surgia. Além disso, a comunicação com amigos exerceu um papel importantíssimo, ao me indicarem soluções que até então eu não conseguia enxergar.

Achei importante, também, ter conseguido realizar um trabalho que acredito ser importante social e politicamente, utilizando diversas habilidades que aprendi nos anos da graduação.

Desde quando comecei a desenvolver *C.*, eu tinha o desejo de conseguir registrar, de forma poética, os meus questionamentos e fazer com que esses causassem reflexões nos leitores.

C. tenta mostrar, enfim, a importância da memória histórica. Simples assim. Talvez esta seja a conquista mais importante.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLARI, Pedro Bohomoletz de Abreu; CARDOSO, Rosa Maria; DIAS, José Carlos; FILHO, José Paulo Cavalcanti; KELH, Maria Rita; PINHEIRO, Paulo Sérgio. Relatórios I, II e III. Comissão Nacional da Verdade. 2014. Brasília – DF: CNV, 2014.
- AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. *Cor*. Porto Alegre – RS: Bookman, 2009.
- AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. *Grid*. Porto Alegre – RS: Bookman, 2009.
- ARNS, Paulo Evaristo. *Brasil: Nunca Mais – Um relato para a história*. 41ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CARRASCOZA, João Anzanello. *Aquela água toda*. São Paulo – SP, Cosac Naify, 2012.
- COSTA, Afonso Henrique; GUTMAN, Guilherme. *Darcílio Lima: um universo fantástico*. Rio de Janeiro – RJ: R&L Produtores Associados, 2015.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *O Espaço da Dor*. Brasília-DF: Editora UnB, 1996.
- FLUSSER, Vilém. *O Mundo Codificado*. São Paulo – SP, Cosac Naify, 2013.
- HENDEL, Richard. *O Design do Livro*. 2ª Ed. São Paulo – SP: Ateliê Editorial, 2006.
- HÖLZ, Luísa Costa. *Microcontos / Minigeschichten aus Brasilien*. 2ª Ed. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co. Kg, 2014.
- HURLBURT, Allen. *The grid: a modular system for the design and production of newspapers, magazines and books*. Nova York, NY – John Wiley & Sons, 1978.
- KELLER, Josef Alfred. *Michaelis: dicionário escolar de alemão*. São Paulo – SP: Editora Melhoramentos, 2009.
- KUCINSKI, Bernardo. *K – Relato de uma Busca*. São Paulo-SP: Cosac Naify, 2004.
- KUCINSKI, Bernardo. *Você Vai Voltar Pra Mim e outros contos*. São Paulo-SP: Cosac Naify, 2004.
- MAGALHÃES, Fábio. *Resistir é preciso*. São Paulo – SP. Instituto Vladimir Herzog, 2013.
- MOLES, Abraham. *O Cartaz*. São Paulo – SP: Editora Perspectiva, 2004.
- MÜLLER-BROCKMANN, Josef. *Grid systems in graphic design: a visual communication manual for graphic designer, typographers and three dimensional designers. / Raster systeme für die visuelle Gestaltung: ein Handbuch für Grafiker, Typografen und Ausstellungsgestalter*. Zurique: Verlag Niggli, 1981.
- SAMARA, Timothy. *Grid: construção e desconstrução*. São Paulo – SP: Cosac Naify, 2007.
- SELIGMAN-SILVA, Márcio. *Fotografia como arte do trauma e imagem-ação: jogo de espectros na fotografia de desaparecidos das ditaduras na América Latina. Temas em Psicologia*. São Paulo – SP: Unicamp, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v17n2/v17n2a04.pdf> Acesso em 08/11/2015.
- SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre – RS: Editora da UFRGS, 2008.
- STRICH, Chritian. *Das große Märchenbuch*. Zurique: Verlag AG, 2007.

TONDREAU, Beth. *Criar grids: 100 fundamentos do layout*. São Paulo – SP: Editora Blucher, 2009.

TSCHICHOLD, Jan. *A Forma do Livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro*. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2007.

VENTURA, Zuenir. *1968 – o ano que não terminou*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2013.

WELKER, Herbert Andreas. *Gramática Alemã*. 5ª Ed. Brasília – DF: Editora Universidade de Brasília, 2015.

WILLBERG, Hans Peter; FORSSMAN, Friedrich. *Primeiros socorros em tipografia*. São Paulo – SP: Editora Rosari, 2007.

Sites:

<http://www.dict.cc> – acesso em 08/11/2015

<http://www.duden.de> – acesso em 08/11/2015

<http://www.cnv.gov.br> – acesso em 08/11/2015

http://www.brasilpost.com.br/2014/03/30/50-anos-golpe-brpost_n_5052726.html – acesso em 08/11/2015

<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/08/16/por-que-nao-mataram-todos-em-1964/> – acesso em 08/11/2015

http://educacao.uol.com.br/album/ditadura-45-anos_album.htm – acesso em 08/11/2015

<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,as-confissoes-do-doi-codi-imp-,1603291> – acesso em 08/11/2015

<https://www.behance.net> – acesso em 08/11/2015

<https://www.pinterest.com> – acesso em 08/11/2015

<http://www.informationisbeautiful.net> – acesso em 08/11/2015

<http://circos.ca> – acesso em 08/11/2015

http://www.berk-edu.com/HYB_subsite/bookbinding/sewnBinding/bindit.html – acesso em 08/11/2015

<http://www.cleberdecampos.com/outcome/> – acesso em 08/11/2015

<https://crbnaditadura.wordpress.com> – acesso em 08/11/2015

8. ANEXOS

8.1 Orçamento do projeto

Testes de impressão	R\$60,00
Sprays	R\$40,00
Impressão	R\$100,00 (cada livro)
Impressão dos pôsteres	R\$8,00 (cada um)
Papel para as caixas	R\$3,00 (para cada caixa)
Material extra (cola, estilete, régua...)	R\$70,00
Total de cada livro (fora o material extra)	R\$119,00